

O ensaio enquanto ato de desnudamento

Marciano Antonio da Silva¹

Resumo

Este texto busca refletir acerca das outras possibilidades de escrita e produção do conhecimento no mundo acadêmico, entendendo que não é mais possível continuar reproduzindo métodos de escrita padronizados, compreendendo a ineficiência do projeto hegemônico que se constituiu no interior da Academia. Deste modo, com vistas a alcançar novas perspectivas, realçamos as potencialidades do ensaio acadêmico, pensando-o enquanto uma potente alternativa contra-hegemônica para superar as lógicas dominantes que permanecem condicionando lógicas padronizadas no campo da escrita acadêmica. Portanto, acreditamos que o ensaio, enquanto ato de desnudamento, permite alargar as margens da experiência, mobilizando conexões com nós mesmos e com os/as outros/as, que nos cercam, bem como constituir outras experiências acadêmicas, reinventando a pesquisa, a escrita e, sobretudo, o/a pesquisador/a.

Palavras-chave

Ensaio acadêmico. Escrita. Produção do conhecimento.

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco, Brasil, com período sanduíche na Universidad de Buenos Aires, Argentina; professor da educação básica da rede municipal de educação de Belo Jardim, Pernambuco, Brasil; pesquisador do Grupo de Pesquisa em Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina (CNPq) e membro do projeto de extensão "Observatório dos Movimentos Sociais na América Latina". E-mail: marcianoantoniosilva@gmail.com.

The essay as an act of nudodation

Marciano Antonio da Silva²

Abstract

This text seeks to reflect on other possibilities for writing and producing knowledge in the academic world, understanding that it is no longer possible to continue reproducing standardized writing methods, given the inefficiency of this hegemonic project established within the academy. In this way, aiming to reach new perspectives, we highlight the potential of the academic essay, thinking of it as a powerful counter-hegemonic alternative to overcome the dominant logics that continue to condition standardized logic in academic writing. Therefore, we believe that the essay as an act of stripping allows us to widen the margins of experience, mobilizing connections with ourselves and others around us, as well as constituting other academic experiences, reinventing research, writing, and above all, the researcher.

Keywords

Academic essay. Writing. Production of knowledge.

² PhD student in Education, Federal University of Pernambuco, State of Pernambuco, Brazil, with a sandwich period at the University of Buenos Aires, Argentina; teacher of basic education in the municipal education network of Belo Jardim, State of Pernambuco, Brazil; researcher at the Research Group on Social Movements, Education and Diversity in Latin America (CNPq) and member of the extension project "Observatory of Social Movements in Latin America". E-mail: marcianoantoniosilva@gmail.com.

Poucas palavras, muitas inquietações: uma breve conversa

Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas. Mas voam faíscas e lascas como aços espelhados (Clarice Lispector, 1998, p. 25).

Escrever nada mais é do que desnudar-se. No sentido etimológico, a palavra desnudar provém do latim *denudo*. Significa, dentre tantas outras coisas, despir-se, ficar nu, tirar a cobertura. Desnudar-se a partir da escrita implica autoconhecimento, coragem e atrevimento. Diria, também, que perpassa um movimento de deslocamento, travessia, mergulho em si. Escrever e desnudar-se, poder-se-ia serem concebidas enquanto as faces de uma mesma moeda.

O ato de desnudar-se por meio das palavras e dos sentidos impregnados em torno destas, perfaz um percurso de insubmissão frente aos moldes hegemônicos de escrita que foram concebidos enquanto verdades únicas. Em alguns momentos, poderá ser concebida como uma atividade prazerosa, em outros, apreendida enquanto uma rota desconfortável, e provavelmente será. De certo, desnudar-se é uma práxis potente, um retorno a si mesmo.

A escritora e jornalista Clarice Lispector (1920-1977) recorreu à escrita como uma via para expor suas inquietudes, afetos e sentires. Quando questionada/criticada acerca do seu estilo de escrita único e inovador, replicava: “Não escrevo para agradar ninguém”. Talvez tenha sido este o grande diferencial daquela que, mais tarde, viria se consagrar como uma das grandes escritoras brasileiras, escrever para si mesma.

Por meio dos seus escritos provocadores, e ao mesmo tempo audaciosos, Lispector transcendeu aos limites do moralismo intelectual, trazendo consigo um jeito próprio de escrever. Para a escritora, escrever era, antes de tudo, uma forma de tentar responder aos seus próprios questionamentos, como sempre evidenciava “Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever” (Lispector, 1998, p. 11).

A escrita destemida de Lispector reacende um debate que considero fundamental no universo da produção intelectual, sobretudo quando penso os modos padronizados da escrita acadêmica. Isto porque, veementemente constata-se nesse terreno uma escrita repleta de pudores, onde desnudar-se tem sido uma prática censurada em nome de um conservadorismo acadêmico que historicamente delimitou os espaços e meios de produção do conhecimento.

A crítica apresentada ao longo deste trabalho não tem a pretensão de desqualificar a produção intelectual que emerge nesse contexto marcado por assimetrias. Ao contrário, reconheço suas inúmeras contribuições para a humanidade, mas enxergo, além disso, suas

limitações. Na verdade, minha pretensão, neste ensaio, consiste em refletir acerca das outras possibilidades de escrita e produção do conhecimento no mundo acadêmico.

Convém destacar que não estou inventando a roda, visto que nas últimas décadas diversos/as teóricos/as tem apontado para estas questões. Assim, dentre as possibilidades que emergem nesse quadro de reestruturação, o ensaio surge enquanto uma potente alternativa contra-hegemônica, uma vez que “dá uma liberdade temática e formal que só pode incomodar num campo tão reprimido e tão regulado como o do saber organizado” (Larrosa, 2003, p. 106-107).

Mesmo sabendo dos riscos implicados ao assumir essa posição político-pedagógica, entendo este movimento enquanto imprescindível para que venhamos superar o academicismo caduco, que já não consegue incorporar outros sentidos em torno do escrever/pesquisar/investigar. Como nos fala Freire (2000), nossa presença no mundo está condicionada a correr certos riscos, visto que

Não haveria cultura nem história sem inovação, sem criatividade, sem curiosidade, sem liberdade sendo exercida ou sem liberdade pela qual, sendo negada, se luta. Não haveria cultura nem história sem risco, assumido ou não, quer dizer, risco de que o sujeito que o corre se acha mais ou menos consciente. Posso não saber agora que riscos corro, mas sei que, como presença no mundo, corro risco. É que o risco é um ingrediente necessário à mobilidade sem a qual não há cultura nem história (Freire, 2000, p. 16).

Pois bem, ensaiar outras possibilidades de escrita no universo da produção acadêmica consiste também em correr certos riscos, conforme defende Freire (2000). Cabe lembrar que não se trata apenas de uma sutil modificação na forma de escrever, ou mesmo de um mero modismo. No tecido desse processo, propõe-se uma reestruturação de ordem epistêmica, ética e política, em que se reconheça as múltiplas possibilidades de escrita e produção do conhecimento.

Um aspecto importante que necessita ser frisado consiste em se tratar de um território demarcado por certas tradições, as quais, historicamente, outorgaram verdades intocáveis. Portanto, para alcançar a modificação dessa estrutura, faz-se necessário assumir, antes de tudo, estratégias que sejam capazes de tensionar os limites determinados pelos cânones do conhecimento científico.

Ao incorporar outros sentidos em torno da escrita, não apenas proponho romper com os paradigmas hegemônicos que ainda seguem regendo este terreno, assumo, também, minha forma de interpretar o mundo e estar diante dele. Portanto, atrelo visões de mundo, utopias, pois

como cita Larrosa (2003, p. 22) “É possível que não sejamos mais do que uma imperiosa necessidade de palavras, pronunciadas ou escritas, ouvidas ou lidas, para cauterizar a ferida.”

Penso que a escrita mobiliza um conjunto de conhecimentos em torno da nossa existência, uma vez que possibilita tecer um olhar em torno da nossa realidade e do lugar que ocupamos. Por outro lado, estes fatos revelam o papel político assumido pela escrita, haja vista que sua tessitura não é neutra, traz consigo uma percepção de mundo. Paulo Freire (2000), por sua vez, desconstruiu, ao longo de sua obra, o falso paradigma da neutralidade.

Reafirmar nossa presença no mundo pressupõe assumir este lugar político. Ao anunciar seu compromisso com a transformação social, Freire (2000, p. 17) destaca “[...] não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é preciso mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas para participar de práticas com ela coerentes”.

As inquietações propostas por Freire (2000), conduzem ao debate acerca dos paradigmas dominantes que cercam a escrita acadêmica. Desse modo, defendendo uma posição que se contrapunha aos métodos de escrita padronizados, tendo em vista suas notáveis limitações no campo das subjetividades. Entendo também que se faz necessário caminhar para novos direcionamentos no âmbito da academia, por meio de uma proposta mais sensível.

Com base nisso, Larrosa (2003) realiza suscetíveis críticas à forma como a academia tem operado no processo de produção do conhecimento. De acordo com o autor “A ciência organizada é o lugar dos controles, o lugar das bancas, dos tribunais, das avaliações, das hierarquias, e exclui com o aparente elogio de ‘interessante’ ou ‘sugestivo’ o que não está ajustado ao padrão de consenso” (Larrosa, 2003, p. 107).

Na medida em que realizam esse processo de controle, capturam também a nossa subjetividade, o nosso eu. Larrosa (2003, p. 110) argumenta que “A escrita acadêmica é alérgica ao riso, à subjetividade e à paixão”. Sendo assim, redimensionar nossa posição na escrita acadêmica consiste, antes de tudo, em restituir a nossa identidade. É nesse movimento que proponho pensar a escrita enquanto um processo de desnudamento.

É sabido que o ensaio e o ato de desnudar-se ocupam-se de lugares pouco convencionais nessa sociedade conservadora, que não consegue pensar para além dos determinismos convencionais que seguem segregando e/ou impondo hierarquias. Ambas trazem consigo as marcas de um moralismo nefasto – seja ele acadêmico ou cultural – que não consegue pensar a realidade a partir de outras lentes.

Entretanto, fica cada vez mais nítida a necessidade de cruzar estes campos que durante muito tempo foram interpelados enquanto antagônicos, opostos. Torna-se urgente outorgar um

mergulho outro, pois, como argumenta Larrosa (2003, p. 22) “[...] para contarmos o que somos, talvez não tenhamos outra possibilidade senão percorrermos de novo as ruínas de nossa biblioteca, para tentar aí recolher as palavras que falem para nós”.

Não há dúvidas de que aprendemos a escrever na academia de forma mecanizada, como se houvesse apenas uma maneira de produzir conhecimento, uma rota única para ser seguida por todos/as. Na canção “Portas”, a artista Marisa Monte fala justamente da falsa e importuna tentativa que prevalece reduzindo a realidade a uma visão limitada, reiterando a existência de uma única possibilidade, ou como fala a canção, de “Uma porta só, uma porta certa”.

Esse movimento, por sua vez, rouba nossas capacidades estéticas de escrita, nossas subjetividades, pois apresenta “uma porta só”. Para além, impede de trilhar outros percursos aprendentes, de cruzar as “portas outras”. Em meios estas questões, torna-se necessário, então, constituir experiências acadêmicas outras, que sejam capazes de reconhecer a diversidade que perpassa esse processo formativo, pois como canta Marisa Monte (2021): Não importa qual / Não é tudo igual / Mas todas dão em algum lugar / E não tem que ser uma única / Todas servem pra sair ou para entrar / É melhor abrir para ventilar / Esse corredor.

Seja qual for “a porta” ou melhor, o estilo de escrita adotado, faz-se necessário reconhecer seu potencial. Forjar estas outras possibilidades no campo acadêmico, implica também desnudar-se dos colonialismos, dos machismos e sexismos que historicamente seguem nos aprisionando dentro de estruturas arcaicas. Consiste em alargar as margens da experiência, mobilizando conexões com nós mesmos e com os/as outros/as que nos cercam.

O ensaio enquanto processo de desnudamento procura desmitificar os pudores que foram constituídos em torno de nós, dos nossos corpos. Sabemos que a nudez é regada por certos parâmetros em que é vista enquanto imoral, desonrosa e/ou obscena. Pois bem, o ensaio se enquadra em processos de proibições semelhantes, muitas vezes interpelado a partir de um conjunto de tabus. Dentro desse quadro, somos podados de falar do nosso lugar, da nossa experiência.

Tais estruturas dogmáticas seguem regendo nossa escrita e porventura, nossos sentires na academia. Enquanto isto, nossa subjetividade passa a ser encoberta por vestimentas que aprisionam nossa verdadeira identidade. Portanto, defendo que aflorar nossa subjetividade por meio da escrita perfaz um processo de desnudamento, implica um mergulho em torno das nossas emoções, sentires e pensares.

Tomando como ponto de partida estes deslocamentos, Larrosa (2003) defende a necessidade de reorganizar a forma impiedosa como a universidade se constituiu. Segundo o autor “cada vez mais, temos a sensação de que temos de apreender de novo a pensar e a escrever,

ainda que para isso tenhamos que nos separar da segurança dos saberes, dos métodos e das linguagens que já possuímos (e que nos possuem)” (Larrosa, 2003, p. 7).

Se o moralismo acadêmico por vezes negou expressar nossas dores, nossos sentires, o ensaio potencializa essa ação pois compreende que somos atravessados pela escrita. Portanto, o ato de desnudar-se propicia um processo de autoconhecimento, derivado não a partir das nossas construções coloquiais, mas comprometido com o reconhecimento das sensibilidades, afetos e emoções.

Por outro lado, perfaz um movimento de insubmissão diante das pedagogias que historicamente seguem fundamentadas numa concepção de racionalidade imposta ao longo da modernidade. Isto porque entendo que esta perspectiva priorizou apenas processos puramente racionais, negando o reconhecimento da nossa condição sensível, da nossa subjetividade.

Pode-se dizer, também, que na medida em que o ensaio mobiliza a esfera do autoconhecimento, assegura também o cuidado de si, conforme propõe Foucault (2006, p. 269). Na concepção do autor “Não é possível cuidar de si sem se reconhecer. O cuidado de si é certamente o conhecimento de si”. Vale frisar que este processo não ocorre de maneira isolada, individual, exige uma relação com o/a outro/a.

Assim sendo, a noção de cuidado de si tratada por Foucault (2006) se opõe à concepção de um cuidado individual, isolado, engendrado na esfera particular. Para o autor, “o cuidado de si implica também a relação com o outro, uma vez que, para cuidar bem de si, é preciso ouvir as lições de um mestre” (Foucault, 2006, p. 271).

As provocações tecidas até o momento buscam sinalizar justamente para a ineficiência desse projeto hegemônico que se constituiu no interior da Academia. Penso que o nosso lugar enquanto pesquisador/a consiste exatamente em apontar os limites empreendidos por essa lógica dominante, bem como constituir outras experiências acadêmicas, reinventando a pesquisa, a escrita e, sobretudo, o/a pesquisador/a.

Considero também que a escrita acadêmica não pode se restringir a produção de textos técnicos, padronizados, requer que assumamos nosso lugar, nossa posição ética e política, pois como aponta Larrosa (2002, p. 20) “pensar não é somente ‘raciocinar’ ou ‘calcular’ ou ‘argumentar’, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece”.

Tenho plena consciência que desprender-se dessas normatizações não é tarefa fácil, ainda assim, enxergo enquanto um movimento possível. Talvez o que nos falte seja um pouco mais de ousadia, afinal, desnudar-se pressupõe um exercício constante de insubordinação.

Agradecimentos

À Fundação de Amparo a Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE).

Referências

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos: ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Paz & Terra, 2000.

LARROSA, J. O ensaio e a escrita acadêmica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 101-115. jan./jun. 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/25643/14981>. Acesso em: 14 jul. 2021.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. DOI 10.1590/S1413-24782002000100003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 14 jul. 2021.

LARROSA, J. **Pedagogia profana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOPÉZ, A. Clarice Lispector, a escritora inqualificável no estilo e na forma. **El País**, São Paulo, 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/10/cultura/1544426497_594113.html. Acesso em: 14 jul. 2021.

MONTE, M. **Portas**. São Paulo: Sony Music Entertainment, 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/album/3SnD7NKO8aqZAvjGdJFS5Y>. Acesso em: 14 jul. 2021.

Submetido em 22 de maio de 2024

Aprovado em 29 de novembro de 2024.